

Pantanal

Toda a Vida em Frente

Pantanal

Toda a Vida em Frente

Constança de Paiva

Autora: Constança de Paiva

Design da capa: Luís Camilo Alves

Fotografias: Filipe Bustorff, Luís Camilo Alves, Constança de Paiva

ISBN: 9789403729947

© Constança de Paiva

Janeiro de 2024

Para o Afonso

Prefácio

Por favor, comecem por ler isto:

Amigos brasileiros, fica já esclarecido que o problema não eram vocês, era eu. Fui com uma expectativa e tive de me adaptar à realidade. Não foi fácil, mas valeu a pena!

Aqui estão as minhas maiores aventuras e desventuras de 7 anos de Brasil, escritas em sequências de crônicas que se juntam para contar a história completa.

Alguns nomes e pormenores foram alterados para preservar os intervenientes, ou, dito de outra forma, para me proteger a mim de chusmas enfiadas. Juntando uns poucos arranjos editoriais, o restante é real. Serei assim Constança 10%*

Agradeço a muita gente que me acompanhou neste percurso, de quem nunca esquecerei.

Muriel, Dani, Leo, e família, que me acolheram e fizeram sentir em casa.

Todos os colegas do curso de mestrado em Ecologia e Conservação, que foram fantásticos comigo. Em especial a minha amiga Fernanda.

Guilherme, o meu orientador, que me pôs no Pantanal.

Às pessoas da Embrapa Pantanal e de Nhumirim.

Henrique de Jesus, o meu peão.

Queridos Arnaud e Carolina, que bons momentos partilhei com vocês.

Geraldo, Rita, e todos os felizes participantes da nossa confraria do vinho de Corumbá.

Aos meus amigos que me visitaram, ajudando a aliviar as saudades da terrinha.

Zâ, Armando e tia Mena, que mais saudades deixaram.

Àqueles que não estão aqui nomeados, mas que surgem no decorrer das crônicas.

A querida família Botelho de Medeiros, com especial carinho à tia Candinha e em memória do tio José Honorato. Fizeram toda a diferença.

* origem da expressão explicada no decorrer das crônicas

Deixo-vos agora com duas citações de Thoreau, perfeitas para a alma deste livro:

I wish to speak a word for Nature, for absolute freedom and wildness, as contrasted with a freedom and culture merely civil—to regard man as an inhabitant, or a part and parcel of Nature, rather than a member of society (*Walking*)

I went to the woods because I wished to live deliberately, to front only the essential facts of life, and see if I could not learn what it had to teach, and not, when I came to die, discover that I had not lived (*Walden*)

Pantanal, o lado selvagem

São como veias, serpentes, os rios que trançam o coração do Brasil
Levando a água da vida, do fundo da terra ao coração do Brasil
Gente que entende e que fala a língua das plantas, dos bichos
Gente que sabe o caminho das águas, das terras, do céu
Velho mistério guardado no seio das matas sem fim
Tesouro perdido de nós, distante do bem e do mal
Filho do Pantanal¹

Do céu, a maior planície alagável do mundo parece um bichinho enrodilhado de costas voltadas para o vasto Brasil. Um bicho-mãe que recolhe no seu colo as águas de verão para os seus filhos. Águas de chuva rebelde, que não quer ser só rio. Água que foge pela terra sedimentar. Água que cria. Cria vazantes, enseadas, meandros e corixos. Dá novas formas à terra, desenha-a, brinca. Diverte-se. E lentamente, regressa ao traçado do seu caminho. Desce ribeiras e rios até ao Paraguai, saindo do colo da mãe para também saciar a sede dos filhos dos outros. Segue o seu traçado pelo Paraná e chega ao Mar da Prata para cumprir o seu destino, o Oceano Atlântico. Pantanal é vaivém de água e terra, de peixes e aves, bichos, muitos bichos. De vida e morte. É tanto de tudo, tanto! É tudo.

A terra é tão verde e azul,
os filhos dos filhos dos filhos das nossas filhas verão!¹

¹ Marcus Viana canta em "Sagrado Coração da Terra"

Corumbá, o lado de lá.

Chegámos, com 32 léguas de navegação, a Corumbá, antigo Albuquerque, fundado em 1778. Esta povoação, situada no alto de aprazível outeiro, donde a vista se alonga no quadrante do norte, está hoje, por assim dizer, reduzida a ruínas ²

No centro da América do Sul pulsa um coração branco e altaneiro, de nome Corumbá.

Mais precisamente, o centro geodésico situa-se a uma distância de cerca de 400 quilómetros, em Cuiabá. Mais acima, um pouco mais à esquerda. Mas é assim que pulsam os corações. Também este pulsava muito, nos tempos da borracha. As águas do rio Paraguai recebiam dos seus afluentes barcos de mercadorias vindos do Brasil profundo, a borracha, ouro, charque. E pulsava-os para fora, navegando pelo rio Paraná e mar da Prata, ladeando Argentina e Uruguai, daí para o oceano e o mundo. Em troca recebia produtos manufaturados com as mais diversas origens e nas ruas de Corumbá circulavam moedas de vários países, a par com o último grito da moda em Paris.

Assim conheceu Frei Mariano a cidade. Frade franciscano, missionário no Pantanal, catequista dos índios até as fronteiras brasileiras serem invadidas pelo exército paraguaio. Em 1867, dois anos após a ocupação, o Coração Branco reconquistou-se Verde e Amarelo após chacina na praça central a um exército paraguaio já bebido e cansado de festejar um santo muito popular, o nosso St^o António de Pádua e Lisboa.

Nos dias de hoje Corumbá festeja o 13 de Junho não pelo santo, o santo de Lisboa, mas pelo banho de sangue que lhes libertou a sua cidade. Corumbá.

E em Corumbá instalou-se Frei Mariano.

Esses são os factos.

² Revista Trimestral de História e Geographia. Jornal do instituto historico e geographico brasileiro. 2a série, Tomo II. Mato Grosso 1847

Esta é a lenda:

Frei Mariano mandou erguer a igreja Nossa senhora da Candelária, encomendando o relógio da torre sob promessas de um patrono ligado à política. Mas políticos serão sempre políticos, e foi Frei Mariano quem ficou afamado de mal pagador. Furioso, enterrou em lugar incerto as suas sandálias com uma praga rogada: enquanto não as encontrassem, a cidade ficaria votada à decadência.

As sandálias nunca foram encontradas.

100 anos de desolação

Muchos años después, cuando Macondo fue un campamento de casas de madera y techos de cinc, todavía perduraban en las calles más antiguas los almendros rotos y polvorientos, aunque nadie sabía entonces quién los había sembrado.³

Nas ruínas do casario do porto estão tatuadas mais de um século de decadência contínua. Casas históricas abandonadas ao verde que emerge entre telhas e varandas. Figueiras espreitam, indiferentes, nas brechas das cantarias. A água das chuvas recolhe-se em cachoeiras que desabam no sopé da colina que se espraia no rio Paraguai, ladeando a ruína em pé de Vasquez & Filhos, erguido no início de um outro século pelo arquiteto italiano *Martino Santa Lucci*, com apontamentos *Art Nouveau*. Moleques brincam nessas águas, à sombra da imponente águia de pedra que os espreita, imortal e intemporal, altiva na cumeeira do edifício, rainha dos escombros.

Nesta decadência não há solidão. Há gente, muita gente. Gente que arrasta os seus chinelos rua acima, rua abaixo.

Rua acima, rua abaixo.

Nas fachadas que restam desta História há letreiros em tinta plástica, legíveis aos tuiuiús na outra distante margem do grande rio Paraguai:

“pague dois leve três”
“10x sem juros”
“, comida caseira”,
“vendo tudo”,
”Jesus é o Senhor”

Enquanto carrinhas de publicidade circulam incessantemente, anunciando aos ventos as ofertas imperdíveis da papelaria Babaçu ou do supermercado Panoff. Ironicamente, uma das principais ruas é a de Frei Mariano e há um bloco de carnaval intitulado “as sandálias do Frei Mariano”, e assim tenta a cidade amainar a praga com oferendas ao praguejador.

Se procuram pelas as sandálias, não sei precisar.

³ Gabriel Garcia Márquez escreve em “Cien años de soledad”

Macondo, epíteto escolhido por um Corumbaense atento, em estilo poético dramaturgo-literário. Já o epíteto escolhido por mim, forasteira assustada, era em estilo coloquial-injuriioso. Peço perdão a quem se ofendeu, mas para grandes choques grandes insultos. Não fora por falta de aviso:

“Corumbá é uma cidade difícil, com muito calor e mosquitos”

Viva o calor e os mosquitos! Não, isso foi o fácil. Difíceis foram certos Corumbaenses que, fiéis à tradição de não pagar o que devem, até porque não devem nada, nós é que lhes devemos pois recebemos em euros.

Mas isso aconteceu mais tarde, na Fazenda Bela Vista. À chegada, o desespero fora de outra origem.

□ Centro de Corumbá é barulhento, poluído sonoramente pelo trânsito e pelos alto-falantes que as lojas colocam na calçada, reproduzindo rádios locais e ofertas. Caótico como se espera de uma região comercial. □ diferente é a calma que a gente tem por lá.⁴

⁴ Na fronteira - Histórias da intersecção Brasil-Bolívia nas cidades de Corumbá e Puerto Quijarro/Taynara Nakayama; Orientadora, Daiane Bertasso Ribeiro - Florianópolis, SC, 2017. 113p.

El camino

Caminhando contra o vento
Sem lenço e sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou.⁵

Lisboa, Portugal.

Cidade Branca em sete colinas. Outrora esquecida como uma cidade atrás da cortina de ferro, de costas para o imponente estuário do maior rio do País. Recentemente acordada para a Europa dos 12, redescobre-se. 1994, Capital Europeia da Cultura. Pinta-se, vaidosa. Mira-se, espelhada no Tejo. Renasce. 1998, Exposição Universal. Cinco meses imersos num Oceanário de todos os mares.

Na mão, um bilhete de ida e volta ao Rio de Janeiro, Brasil -1 mês- e na outra nem planos nem itinerários, apenas contactos de amigos de amigos.

Rio de Janeiro, Brasil.

Rio de Janeiro. Frederico, amigo de amigos ⁶ e olhos nos olhos, firme e impaciente perante o óbvio:

- Esquece a Amazónia, se você é bióloga, você tem de ir é no Pantanal.

E colocou-me na mão outro contacto de amigos de amigos, pantaneiros e fazendeiros.

E foi assim, sem planeamento nem expectativas, que o rumo apontou terra adentro para o *farwest* tropical. Dados lançados à sorte, dados criando futuros.

⁵ Caetano Veloso canta "Alegria, Alegria"

⁶ da prima Sofia, que conhece toda a gente.

Mato Grosso do Sul – Brasil do sol posto

I'm a poor lonesome cowboy, and a long way from home ⁷

Sentido: Oeste.

A claridade da madrugada esgueira-se pelas cortinas das janelas do ônibus, desenhando os contornos dos passageiros que se mantêm imóveis e silenciosos nas cadeiras reclináveis. Ainda dormem. A curiosidade desvia as cortinas, um dedo apenas, um olho só que espreita. Um mundo que chama.

É um sorriso laranja-amarelo que chama rasando à janela. Um olho que devolve o olhar, pupila preta rodeada de azul. Azul azulão.

Há cor mais bonita que o azul?

Azul, laranja, amarelo, preto e branco. Nos alegres trópicos é assim. Riem-se dos nossos pasteis e cremes. Da nossa necessidade de nos esbatermos no fundo que nos rodeia, de sermos invisíveis na paisagem.

Este, meus senhores, olho azul-azulão, penas pretas e papo branco, de grande bico laranja-amarelo, é o tucano.

E voam, senhores, os tucanos voam livres.

E este tucano voava, grande bico colorido semi-aberto de sorriso, puxando um corpo negro atrás, emoldurado por uma vasta planície alaranjada encabeçada pelo azul do céu limpo. No horizonte, miragens de morrarias sinuosas em compasso com o voo da ave. Um voo ondulante que cumprimenta em vénias, lado a lado e olhos nos olhos, brevemente para sempre.

Meus senhores, todos de pé para a ovação ao voo do tucano.

Tucano em português, de *Tukã* em Tupi-Guarani. *Tukanaçu*: tucano grande. Nome científico: *Ramphastos toco*. Mato Grosso do Sul assim recebe, engalano, com pompa e circunstância, num cortejo encabeçado pelo seu embaixador.

⁷ Pat woods canta "Lucky Luke"

Campo Grande, a Capital.

Os amigos de amigos de amigos: a família pantaneira recebendo-me em sua casa como a uma amiga. Uma completa estranha. Estes mato-grossenses fazendeiros estavam longe do estereótipo brasileiro mas mais perto de mim. Almas generosas nos gestos e contidas nas palavras.

Bonito – Paraíso das águas

Levaram-me a uma das suas fazendas. Ficava em Bonito, o paraíso das águas cristalinas, dos mil e um corixos e cachoeiras.

Pantanal é a terra do ciclo das águas, mas Bonito não é terra, é água.

É chão de pó de conchas onde rebrota água translúcida, deslizando suavemente por meandros azul-turquesa abraçados de verdes e céu, devagar, até se jogar em incontáveis cachoeiras, infiltrando-se no calcário da rocha-mãe ou seguindo pelos rios maiores, transformando-se noutras águas mais longe daquelas.

Bonito é lindo, maravilhoso. Mas...

Destino: Pantanal

No longer to be poisoned by civilization he flees,
and walks alone upon the land to become lost in the wild⁸

Até que me colocaram em cima de uma carrinha e me levaram estrada fora de asfalto, toda a vida em frente, no seu jargão. Horas de asfalto atravessando o nada (sendo o nada a eterna planície alaranjada). Essas estradas infundáveis, rumo adentro ao coração das Américas.

Agora já as conheço bem. Sei que para os aterros da estrada retiraram terra das margens, valas prosaicamente chamadas de “caixas de empréstimo”. Caixas inundadas de água e vida. Nos eternos vaivém pela BR 262 (*bê erri dois mêa dois*) vi tudo o que é de verde e tudo o que é de bicho nestas “caixas de empréstimo”. Charcos de jacarés, capivaras, tuiuiús, veados. Charcos de mato e de aguapé.

Mas, da minha primeira viagem pelas *bê erri*, na memória só ficou gravado o depois. O abrandar e virar para uma estrada sem fim de terra batida. Dois polícias em guarda a um portal de madeira onde se anuncia a entrada no Pantanal. Os guardiões do Destino permitem-nos passagem e, aí sim, seguimos toda a vida em frente.

“Toda a vida em frente”. Expressão idiomática do Brasil rural: “vai reto, vira à esquerda e segue toda a vida em frente, aí chegando na rotatória é logo à direita”.

Sem ambiguidades.

Toda a vida em frente numa estrada de terra batida sarapintada de pequenas pontes a perder-se nas origens do mundo.

Em que momento da história humana nos desligámos da essência?

Se a alma nasceu quando erguemos os olhos para mirar o horizonte, adormeceu quando os baixámos para mirar o chão em que assentámos. No mesmo chão onde plantámos alimento e erguemos casas, cortámos as raízes que nos ligavam à origem.

É o paradoxo humano.

Cortámos a ligação primordial quando nos fixámos e, sem raízes, como

⁸ Escreveu Christopher McCandless no seu diário (Into the wild)

podemos deambular rumo ao horizonte? Ficou na carne humana esse pedaço arrancado de sentido, que se tenta preencher à força, caoticamente. Templários, peregrinos, navegadores, astronautas. Sempre em busca do mais além.

Mas sem saber de onde vimos, nunca lá chegaremos.

E no entanto, está aqui. As Origens, tão perto e tão inacessíveis.

Nem todos conseguem ver o que só se vê sentindo. Sempre aqui esteve, nos olhos que nos rodeavam de todos os lados, de todos os bichos e bichinhos num outro mundo de formas, cores, sons, cheiros, calor.

O paraíso perdido.

Muda-se uma vida por mero acaso. Dados lançados à sorte, dados criando futuros.

Neste mundo estranho e até hostil, finalmente regresssei.

No Pantanal cheguei a Casa.

Foi amor à primeira vista.

Os olhos dos bichos são os olhos de quem ama
Pois a natureza é isso, sem medo, nem dó, nem drama⁹

⁹ Almir Sater canta "Um Violeiro toca"

O baptismo

You are not in Kansas anymore. You are on Pandora, ladies and gentlemen.
Respect that fact every second of every day.¹⁰

Numa fazenda trocámos a carrinha pelo atrelado de um trator. Pensavam comprá-la, tinham que explorar os seus segredos. O trator seguiu a sua bitola. A planície era salpicada por pequeninos bosquetes, aglomerados de árvores e palmeiras – os capões. Todos sentados e eu atrás em pé, segura numa corda, a beber tudo de olhos escancarados, em semi-transe, querendo engolir o Pantanal comigo. Querendo ser engolida nele.

Até que a nitidez do mundo foi riscada e os sons abafados por zumbidos. As razões da estática só foram percebidas quando alguém gritou:

- Não mata ela! Não mata ela!!

(Não mata ela)

Ela.

Elas. Abelhas. Abelha-europa, no jargão pantaneiro. Dizem que é abelha africanizada. Híbrida da europeia *Apis mellifera* com outras africanas. Produzem mais mel, mas assim que se evadiram dos seus grilhões, soltas no Pantanal, selvagens, mostraram-se altamente territoriais e defensivas. Querem-no só para elas e, ciumentas, são o animal mais assassino do Pantanal.

- Não mata ela!

Ela, a assassina.

Não me matem elas, pedi eu.

Eu era a última. A que ficou atrás no grupo. Todos sentados e eu em pé, farol dos marinheiros perdidos. Cercaram-me. Obedeci. Não matei, sentei-me, encolhi-me, tapei a cara com as mãos. Bicho enrodilhado de costas voltadas para o vasto enxame.

Pousaram no cabelo e na pele exposta, percorrendo-a suavemente. Entraram pela gola, pelas mangas da camisa. Desceram em carícias pelas costas até à cintura. Sentiram apertos. Onde apertava, ferroavam. Injetavam veneno e morriam.

¹⁰ Diz Col. Quaritch em "Avatar"

Picaram-me e picaram-me, mas eu obedeci. Não matei. Não mata ela, ela, a assassina do Pantanal. Falam da onça, falam da sucuri. Mas é ela, a abelha, quem mais mata no Pantanal.

Cara tapada pelas mãos, assim protegi os olhos e a boca, não vi nem falei. Nem sei se respirei. Esperei, desesperei, quieta e sentada de joelhos. Ajoelhada perante o grande carrasco, sujeita à prova iniciática.

Morreria ou renascia?

Trator a todo o gás. Fomo-nos afastando do altar dos sacrifícios e os verdugos obedeceram ao chamado da rainha-mãe. Um a um, afastando-se de mim. Chegados à sede da fazenda, os meus olhos espreitaram a medo entre os dedos. Dos verdugos, só as lanças ficaram, firmes na pele.

Um peão tisonado pelo sol, chapéu de palha pantaneiro, saca da sua catana e agarra no meu pulso. Metro de lâmina raspa os meus braços, cintura e pescoço. Milhentas pequenas lanças são arrancadas à força pelo metal a brilhar ao sol.

Eu queria chorar, mas não havia porquê. Superara a prova iniciática com louvor e distinção. Fora batizada e agora era filha do Pantanal.

Comemorámos com um tereré, bebida feita com folhas de erva-mate e água gelada, em contraste com o chimarrão hispano-americano, que se bebe bem quente.

O ritual do tereré faz-se numa roda de gente sentada. O corno de vaca passa de mão em mão, com um canudo metálico. Todas as bocas tocam no canudo. Sorvem o mate e passam à boca seguinte, mão a mão. Só sai quem agradece.

Agradei e saí da roda de gente sentada. Percorri o alpendre e coloquei os pés descalços na terra sedimentar da maior planície alagável do mundo. Ao longe mirei as línguas de floresta que muravam a planura – chamadas de cordilheiras. Escondiam a onça, talvez. No chão pisado, uma serpente de emboscada podia aguardar por mim. Já não tinha medo. Os guardiões do Pantanal tinham-me atacado e eu sobrevivi. Superei a grande prova e provara que ali pertencia.

Filha do Pantanal.

Up ahead was Pandora. You grew up hearing about it, but I never figured I'd be going there. ¹¹

¹¹ Diz Jake Sully em "Avatar"

Mission: Impossible

I'm the king of the world ¹²

Os dados lançados à sorte apontaram o rumo, mas realizá-lo foi suor, dedicação e muita obsessão. Metodicamente desenhou-se uma estratégia em planilhas e calendários, de tarefas executadas por etapas. Um emprego formal permitiu dar início ao plano B, um pé-de-meia que serviria para amortecer um eventual embate desta aventura radical. O plano A era a possibilidade de ser paga para viver no Pantanal. Empregos na ciência são miragem, em particular para não doutorados, mas o caminho teria de ser trilhado. Procurar biólogos era um desafio pré *google*, não é a agulha que se esconde, é o palheiro que se procura. A insistência levou-me a Walfrido Thomás que me encaminhou até Guilherme Mourão, um investigador na Embrapa-Pantanal e docente no mestrado em Ecologia e Conservação da Universidade de Mato Grosso do Sul. Se queria ir para o Pantanal viver com os bichos, então que concorresse ao mestrado. Se ficasse bem colocada ganharia uma bolsa de estudos e teria preferência na escolha do orientador de tese.

Assim o fiz. Entre os deveres profissionais, peguei em livros e estudei. Objetivo: ser a melhor.

Era um belo dia solarengo de inverno. À minha secretária no *open-space* situado no Campo Grande de Lisboa, recebo o tão ansiado *e-mail*.

“Tenho muito prazer em informar que foi a primeira colocada nos exames de admissão”. Assinado, o diretor do curso.

Curso: *check*. Bolsa de estudos: *check*. Orientador de tese: *check*.

Mission: ACCOMPLISHED!

¹² Diz Jack em “Titanic”

Admirável Mundo Novo

Redescobrimo o Brasil, 500 anos depois.

Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

Campo Grande está localizada no estado de Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste do Brasil.

O solo do tipo latossolo, de cor avermelhada, lhe deu a alcunha de Cidade Morena.

A cidade foi fundada no século XIX, com o declínio da produção aurífera em Mato Grosso, na região de Cuiabá.¹³

Virar do milénio. Novo ano, novo País, nova capital, nova família. Novos amigos, os colegas de mestrado que fizeram o possível e o passível para fazer jus à fama brasileira de País hospitaleiro. Os esforços foram louváveis mas o processo foi tempestuoso. Aquele cantinho esquecido à beira-mar plantado afinal sempre era uma capital europeia, e este fim-de-mundo-atrás-do-sol-posto era uma capital rural do interior da América Latina cuja economia girava em torno do gado nelore. Os filhinhos de papai dirigiam os seus *chevrolet* e *dodge*, fazendo corridas pela Avenida Afonso Pena noite adentro, parando nas roulottes para um x-tudo (*cheeseburger*) e chope (cerveja). Jovens adultos com a pala do boné para trás e automóveis forrados a colunas de som, alinhados nos jardins a debitarem decibéis. Outra realidade esta, a dos *cowboys* tropicais, do feijão com arroz e churrasco, música sertaneja em todas as esquinas, do *shopping*.

E eu que só queria era o Pantanal do verde, da água e dos bichos. Quanto muito o Brasil do Bossa Nova! E pão? Nem sequer comem pão. Pão decente.

O choque cultural foi frontal. Bicho acuado à espera da próxima ofensiva, cara-de-poucos-amigos. Com requintes de malvadez, o autocarro que eu apanhava (ou: o ônibus que pegava; senão eles não percebem “perdão: não entendem”) para a universidade, pelas 7 e picos, massacrava-me diariamente com a gritaria da fofinha histórica Sandy, sempre acompanhada pelo chato do seu petulante irmão, Júnior. Meia hora de tortura sertaneja até chegar ao meu destino com as réstias de eventual boa disposição jogada pelas valetas. Alguns ônibus brindavam-nos com uns belos cartazes da dupla irritante, a rirem-se de mim com aqueles grandes sorrisos de dentes perfeitos! Pedia aos céus discretamente que estes caíssem de podre, entre outras

¹³ <https://www.preparaenem.com/geografia/campo-grande.htm>

maldições. Sandy e Júnior iam a conduzir o carro que me atropelou, e deveria tê-los processado por danos à minha integridade psicológica e por incitação subliminar a pensamentos violentos!

Assim foram dez meses de adaptação à força. Mas então, depois disto, não deveria estar pronta para Corumbá? Trocara pão por arroz e feijão, já era tu-cá tu-lá com as suas expressões linguísticas, tinha feito amigos, organizado um churrasco, passeado no *shopping*, enfrentado o calor e os mosquitos, a Sandy e o Júnior, não estaria já formatada para Corumbá?

Sim.

Ou Não.

Não me enrole, nem me use, fique longe, não abuse
Nada vai me convencer, deus me livre de você ¹⁴

¹⁴ Sandy & Júnior gritam em "Bye Bye"

Corumbá - Entrada do Pantanal

Aqui é o Portão de Entrada para o Pantanal.
Estamos por cima de uma pedra branca enorme que o rio Paraguai, lá embaixo, borda e lambe.
(...) Aqui é a cidade velha. O tempo e as águas esculpem escombros nos sobrados anciãos.
Desenham formas de larvas sobre as paredes podres
(são trabalhos que se fazem com rupturas - como um poema).
Arbustos de espinhos com florimentos vermelhos desabrem nas pedras.
As ruínas dão árvores!¹⁵

Corumbá e o seu enclave Ladário albergam 123 mil almas entre o Pantanal e a Bolívia. Nasceu como força militar territorial do “Alto lá” fronteiriço, agarrando ambas as margens do rio Paraguai. Daqui, a ligação ao Brasil e ao mundo era essencialmente feita através das 1300 léguas náuticas até ao Mar da Prata, com paragens para visitar “*a sus vecinos*” nas margens internacionais. Depois houve um comboio, o trem do Pantanal, até expulsar todos os seus passeiros para levar apenas mercadorias. Desde aí, a ligação de Corumbá à mãe Brasil fazia-se por uma, e apenas uma, *Bê érrri*. Incompleta até à minha chegada. A cidade, estando do lado de lá da margem, teria de atravessar as águas para o lado de cá caso pretendesse conversar mais português e menos espanhol. Mas por onde?

Norte:

É o outro lado da margem do rio: 300 metros de rio Paraguai que separavam o inferno citadino do céu de natureza, do Pantanal a norte.

Leste:

É para onde o rio segue antes de virar a sul, mergulhando nas origens da vida, fazendo desta terra mais Pantanal. É por onde segue a Estrada Parque, aterro de terra batida que dá acesso às fazendas pantaneiras, desembocando na *Bê Érrri* mais a sul, perto de Miranda.

Oeste:

Para oeste, Bolívia, onde moram os meios-irmãos caçulas de Corumbá/ Ladário: *Puerto Suarez* a 20 km e *Puerto Quijarro* ali encostado à fronteira, a 7 km de Corumbá, ambos somando mais 33 mil alminhas. Corumbá - Ladário, *Puertos Suarez -Quijarro*, irmãos de

¹⁵ Manoel de Barros escreve no “Livro de Pré Coisas” sobre Corumbá

fortuna, distantes 430 quilômetros da cidade “cidade” mais próxima, Campo Grande (*Santa Cruz de La Sierra* fica a 650 km).

Sul:

Campo Grande e as restantes metrópoles são acessíveis pelo sul asfaltado, cortando a Serra do Urucum até voltar a se deparar, a 70 km de distância, com o mesmo rio que tanto defende. E, do seu lado da margem, Corumbá isolava-se do Brasil em função dos horários de travessia da balsa. Mas Corumbá queria ser mais Brasil e a ponte finalmente inaugura-se, coincidentemente à minha chegada. Curiosa a ponte, ilude a uma rampa apontada aos céus. De malas na bagageira do VW Gol, fiz centenas de quilômetros pela *bê erri* dois *mêa* dois com a ponte dando-me passagem, apontada aos céus. O meu céu: o Pantanal.

Mas foi ao inferno que cheguei.

O diálogo não fazia ricochete nos Corumbaenses. Apesar das arestas já suavizadas do sotaque português, nada se obtinha além do “*aaaaaaah taaaaaá...*” semi-adormecido das bocas deles. E assim se terminou de espezinhar os meus parcos dotes de sociabilização, sacrificando o bicho-de-savana para dar lugar ao bicho-do-mato, sempre de tocaia. Salvaram-me do desespero duas almas vindas também de longe, partilhando em conjunto o efeito do “*aaaaaaah taaaaaá*” no sistema nervoso.

Afinal havia mesmo uma derrapagem de compreensão em Corumbá.

(Além das minhas questões inerentes de socialização)

Outro dos problemas em Corumbá foi encontrar uma casa para morar. Uma pechincha de quarto de hotel ao lado da rodoviária deu-me guarida temporária. A cama redonda cimentada rodeada de paredes vermelhas seria um indicador óbvio para alguém experiente nessas andanças, mas só após várias noites a acordar sistematicamente com passos nada sorrateiros e risadinhas, é que desconfiei. Era um motel de profissionais do pecado.

Apressada por uma nova moradia percorri várias agências, cheia de planos. Sempre quisera morar numa casa com quintal, apartamentos estavam fora de questão. Será que encontraria uma casa minimamente mobilada para ocupar por uns tempos numa rua simpática? Estes planos foram todos substituídos por um de ordem mais prática: